

EDUCAÇÃO DOMICILIAR, FAMÍLIAS DE BAIXA RENDA E CIBERCULTURA¹

Ivana Bittencourt Lima
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB)
Brasil
E-mail: ivanabittencourt@hotmail.com

Gabriela Souza Rêgo Pimentel
Universidade do Estado da Bahia (UNEB)
Brasil
E-mail: gpimentel@uneb.br

Introdução

A educação domiciliar está ligada a origem da educação e, portanto, perpetuou-se como gênero educativo destinado à elite e distante da população de baixa renda (BARBOSA; EVANGELISTA, 2017). O acesso à educação durante boa parte da história da humanidade destinava-se aos favorecidos economicamente, reservando-se aos carentes de recursos os trabalhos braçais.

A inexistência de um sistema escolar que possibilitasse a todos ter acesso à educação favoreceu ainda mais a consubstanciação de que a educação doméstica se destinava à elite. Por outro lado, o desenvolvimento do sistema escolar de ensino não alterou essa concepção de que a educação doméstica é destinada à elite e, portanto, distante da população de baixa renda.

Todavia, a cibercultura ou “cultura da Internet”, está “promovendo novas possibilidades de socialização e aprendizagem mediadas pelo ciberespaço e, no caso específico da educação, pelos ambientes virtuais de aprendizagem” (SANTOS, 2009, p. 5658). Tal cultura contemporânea das tecnologias digitais tem produzido novas realidades e suscita novos questionamentos.

Na Educação Domiciliar ou *Homeschooling*, a família assume a formação acadêmica da criança ou adolescente fora do ambiente institucionalizado. Nesse modelo, os pais ou responsáveis, diretamente ou indiretamente, por meio de tutores,

¹ Este trabalho faz parte das pesquisas do grupo EDUCATIO: Políticas Públicas e Gestão da Educação, da Universidade do Estado da Bahia (UNEB).

decidem as formas de educar os menores sob sua guarda ou tutela, seguindo ou não o currículo formal (BARBOSA; EVANGELISTA, 2017).

Na pesquisa de campo qualitativa com o objetivo de conhecer a educação domiciliar foram entrevistadas oito famílias *homeschoolers*, sendo três famílias de baixa renda. Em face do debate existente no Brasil sobre a (i)legalidade da educação domiciliar todas as entrevistas gravadas em áudio foram realizadas em sigilo e, portanto, os relatos de experiência não serão identificados.

Enfim, os relatos de experiência de famílias de baixa renda que educam os filhos em casa, por meio da cibercultura, podem trazer novos olhares sobre essa prática educativa.

Educação domiciliar, famílias de baixa renda e a cibercultura

A classificação abaixo considerou o motivo principal apresentado pelas mães *homeschoolers* para optarem pela educação domiciliar, apesar de outros motivos também aparecerem nas falas.

Em que pese os motivos diferentes, há em comum o fato dessas mães com poucos recursos financeiros viabilizarem a educação por meio da cibercultura.

Caso 01 – Tráfico e violência nas escolas públicas

A mãe *homeschooler*, do lar e o seu marido, cobrador de ônibus, com renda mensal de um salário mínimo, retiraram o filho mais velho da escola quando cursava o sexto ano do ensino fundamental e decidiram educá-lo em casa, por entenderem que no ambiente da escola pública o seu filho estava exposto ao tráfico de drogas e violência. Narra a mãe que:

E aí eu comecei a educação domiciliar com ele, que eu nem sabia que era educação domiciliar. Nós fizemos um cronograma de aulas e aí [...] todos os dias a gente estudava um pouquinho. [...] Nós não temos recursos financeiros tantos. Então, meu marido comprou um computador de segunda mão. E aí a gente começou a usar esse computador para estudar. Quando tinha algum assunto que eu não conhecia [...] vamos pro computador pesquisar, vamos pegar livros [...] vamos quebrar a cabeça até conseguir. E, assim, nós fizemos.

Acresce que educou seu filho utilizando-se da internet, livros de amigos, ex-colegas de escola e das bibliotecas públicas. Posteriormente, seu filho mais velho convalidou os ensinamentos fundamental e médio, por meio de supletivo e, agora, encontra-se na faculdade cursando Análise e Desenvolvimento de Sistemas.

Em seguida, resolveu adotar também a educação domiciliar para seu filho mais novo. Na época teve a oportunidade de adquirir pacote em plataforma educativa para educação domiciliar, na qual, o seu filho passou a ter acesso a aulas com professores especializados. Ainda assim, quando o seu filho tinha dificuldade de compreender algum assunto, recorriam à internet. Relata a mãe: “Aí o professor de matemática ele não se adequou. Então, vamos para a internet. [...] Eu estudava antes para sentar com ele depois pra gente estudar juntos”.

Complementa:

[...] hoje, com a questão da tecnologia né, quando ele começou a estudar ele já tinha acesso. Então, assim, a questão da robótica, que era uma matéria que não tinha. Ele começou a despertar para isso na própria internet. [...] Então, assim sempre ele ia um pouquinho além daquilo que a escola requeria.

No caso, o filho mais novo por meio do Exame Nacional para Certificação de Competências de Jovens e Adultos (ENCCEJA) convalidou o ensino fundamental e, hoje, continua os estudos.

Assim, os dois filhos da entrevistada iniciaram os estudos em escolas públicas, mas depois passaram pela experiência da educação domiciliar.

Caso 02 – Queda do poder aquisitivo

A segunda mãe *homeschooler*, psicóloga, sendo seu marido publicitário, indagada sobre as razões que optaram pela educação domiciliar, relatou que:

[...] nós estávamos vivendo um momento econômico muito difícil. [...] economicamente [...] estava caro pagar uma escola e nós sabíamos que não queríamos que ele fosse em hipótese alguma para uma escola pública”. [...] Porque nós sabíamos da má qualidade de ensino e da violência, né, urbana, muito comum, mais comum nas escolas públicas do que nas particulares. Então, a nossa família que é de classe média, se viu no meio do caminho, a escola particular está cara pro nosso padrão, mas a gente não quer a escola pública.

À época, os cinco membros da família viviam com uma renda mensal média de dois salários mínimos e, portanto, com poucos recursos financeiros para custear a educação. Indagada a mãe sobre os materiais de aprendizagem e como se dava o acesso à informação, respondeu:

Basicamente pela internet. Os materiais que algumas famílias já produziram. Tem muito material de excelente qualidade, mas que eu por uma questão de poder aquisitivo eu não tinha, né. Eu me lembro que [...] o meu sonho de consumo era ter uma impressora. [...] É... então, tinha muito material, mas eu não tinha [...] necessariamente à mão, estava no computador.

Em que pese a ausência da impressora, que fazia com que a mãe *homeschoolres* muitas vezes fizesse os registros à mão para transmitir o conhecimento aos filhos, o acesso as informações ocorriam basicamente por meio da internet, ou seja, encontrava-se no computador. Enfim, relata que o acesso a um computador fez diferença na prática da educação domiciliar.

Caso 03 – Questões religiosas

A mãe *homeschooler*, administradora, e o seu marido, pedreiro, vivem com uma renda mensal em torno de dois salários mínimos. No caso, estes não matricularam o filho na escola por questões religiosas. A criança, hoje, com sete anos encontra-se alfabetizada. Mas, a mãe diz que:

No início, eu fiquei assim insegura. Porque eu não sou professora, eu fiz administração. Não sou professora, mas assim com a orientação que eu tenho de algumas pessoas né, me ajudando [...] E aí a gente vai também pra internet. [...]. Hoje em dia a internet ensina tudo né, como passar, como fazer.

Acrescenta que, mediante o uso da internet, obtêm o conhecimento sobre a educação domiciliar e técnicas de aprendizagens. Além disso, aduz que para se resguardar registra todas as atividades desenvolvidas com o filho, utilizando-se também de meio tecnológicos, vídeos e áudios.

Conclusões

O movimentar da história, as inovações, o desenvolvimento de um mundo global e cibernético, produzem novas realidades. De modo que, a educação domiciliar ante as mudanças promovidas pela cibercultura apresenta-se com novos contornos e suscita novas indagações na contemporaneidade.

Por fim, os relatos dessas vivências sobre educação domiciliar podem contribuir para o desenvolvimento de novas pesquisas.

Referências

BARBOSA, Luciane Muniz Ribeiro; EVANGELISTA, Natália Sartori. Educação Domiciliar e Direito à Educação: A influência norte-Americana no Brasil. **Revista Educação em Perspectiva**, Viçosa: Minas Gerais, v. 8, n. 3, p. 328-344, set./dez. 2017. eISSN 2178-8359. Disponível em: <https://periodicos.ufv.br/educacaoemperspectiva/article/view/6989/2835>. Acesso em: 15 ago. 2022.

LYRA, Aline; SOARES, Antônio Jorge Gonçalves. Reflexões acerca da educação domiciliar e da desescolarização a partir do cenário de pandemia. *In*: VASCONCELOS, Maria Celi Chaves (org.). **Educação Domiciliar no Brasil mo(vi)mento em debate**. Curitiba: CRV, 2021. p.114 - 141.

SANTOS, Edméa. Educação online para além da EAD: Um fenômeno da cibercultura. *In*: CONGRESSO INTERNACIONAL GALEGO-PORTUGUÊS DE PSICOPEDAGOGIA, 10, 2009, Braga. **Actas** [...]. Braga: Universidade do Minho, 2009. ISBN- 978-972-8746-71-1. Disponível em: http://cedupindustrialdelages.com.br/wp-content/uploads/2021/05/EDUCACAO-ONLINE-PARA-ALEM-DA-EAD-_UM-FENOMENO-DA-CIBERCULTURA.pdf. Acesso em: 24 set. 2022.

TAL. Fulano de. **Caso 01 - Tráfico e violência nas escolas**. [jul.2022]. Entrevistador: Ivana Bittencourt Lima. Salvador, 2022. 1 arquivo mp3 (47 min). A entrevista na íntegra encontra-se nos arquivos do grupo EDUCATIO.

TAL. Fulano de. **Caso 02 - Queda do poder aquisitivo**. [jul.2022]. Entrevistador: Ivana Bittencourt Lima. Salvador, 2022. 1 arquivo mp3 (58 min). A entrevista na íntegra encontra-se nos arquivos do grupo EDUCATIO.

TAL. Fulano de. **Caso 03 – Questões religiosas**. [jul.2022]. Entrevistador: Ivana Bittencourt Lima. Salvador, 2022. 1 arquivo mp3 (30 min). A entrevista na íntegra encontra-se nos arquivos do grupo EDUCATIO.